

A VIDA MODERNA ATRAVÉS DO CINEMA: A EXPERIÊNCIA DA CIDADE DE SOUSA-PB

RIVALDO AMADOR DE SOUSA*

Este trabalho discute a modernidade na pequena cidade de Sousa, no sertão paraibano, entre os anos de 1930 a 1965, através do surgimento do cinema como signo do moderno nessa urbe. Procuramos discutir como o cinema foi recepcionado ali e como conseguiu tornar-se num espaço de lazer mais procurado pelos cidadãos. Trilhamos o caminho da invenção do cotidiano por parte dos habitantes sousense, procurando entender a maneira pela qual as películas cinematográficas influenciaram a vida da sociedade sousense. A nossa perspectiva está ancorada no pensamento benjaminiano que defende a idéia do choque manifestado pelos espectadores durante as exibições de imagens em movimento.

Iniciamos o nosso diálogo com as fontes analisando o contato de uma jovem dessa cidade com o cinema na capital pernambucana.

*A sala escurece e na t ela começa o desenrolar de um filme, no qual uma mulher sofre do princípio ao fim.
Remedio acha uma cousa de outro mundo, aquelles rumores de vozes tão fielmente reproduzidos. Mas não entende nada do que dizem os personagens. No fim de tudo synthetiza sua impressão mais forte:
- Ou mulher caipora!
(...)
Corre o panno e uma bailarina começa a dansar.
Dansa de cysne, dizem, mas aos olhos da matutinha que nunca ouviu falar em bailados, e são conhece o “xerem” e o “arrastado” dos seus sambas, aquilo  , muito simplesmente, exhibi o de mulher nua.
Apenas, na cintura, uma arma o que levanta ou abaixa, conforme o movimento. E... sutian alli tambem serve de roupa.
- V tes, ou mulher se’vergonha! Exclama Remedio, expontanea como um jacto (MARIZ, 1994; 88-89).*

O episdio, ambientado num dos cinemas da grande Recife, faz parte do mundo representacional do cinema explorado pela romancista sousense Ignez Mariz. No início dos anos 1930 a filha de José Mariano, personagem principal, que era feitor na constru o da barragem do açude de São Gonçalo,   levada por um seu tio para conhecer as terras da capital pernambucana. Para uma menina de 15 anos nascida no interior e que nunca tinha saído de casa, cada passo que dava no centro recifense sentia-

* Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande

se arrebatada pelas maravilhas que saltavam aos seus olhos. O grande movimento na rua João Pessoa assemelhava-se aos dias de feiras em Sousa. As compras de suas primas entre vestidos e calçados que os seus pés não estavam acostumados a calçar causavam-lhe deslumbramentos. O que lhe incomodava era a cama e sentia saudade da velha rede em que dormia todas as noites. Contudo, o encanto que a cidade causava em todos os aspectos levava Remedio a desejar cada vez mais a morar naquela cidade e viver aquela vida moderna. Uma das grandes novidades que lhe chamaram mais a atenção foi o cinema, que costumava ver em Sousa e em São Gonçalo esporadicamente.

Em outro momento em que faz compras com a sua tia Amélia acompanhada de uma das primas, Remedio volta ao cinema:

*Tem início uma fita policial, com todos os processos dos bandidos americanos.
Não passa nenhuma vez, pela cachola de Remedio, que aquillo póde não ser verdadeiro.
Súa frio nas scenas de emoção. Fecha os olhos para não ver 'o resto'. Dahi a um pedaço abre-os de novo, póde o vizinho reparar e chamal-a (sic) de matuta...
Olha a tela, firme, fazendo das tripas coração.
Agora o enredo se balança numa scena culminante. Pra lá ou pra cá... O heróe ou o outro...
Com os nervos em dansa, Remédio vê um corpo humano balançar-se nos braços de outro e ganhar o espaço, do cume de um arranhacéo. Heróe ou não, aquilo é demais.
Ver aquelle homem se esborrachando na calçada é cousa superior ás suas forças (MARIZ, 1994; 105-106).*

Os dois fragmentos acima nos trazem indícios da presença do cinema em duas diferentes sociedades. Entre Recife e Sousa havia e há diferenças enormes. A filha de José Mariano, a “matutinha do interior” de Sousa se encanta com o cinema no Recife especialmente pelo conforto que oferece a sua estrutura física, porque lá não precisa levar cadeira como em São Gonçalo ou em Sousa (MARIZ, 1994; 82).

As cenas e o enredo dos filmes, apesar de parecerem uma hora enigmática, outra hora extravagantes para aquela jovem moça, não seriam tão ignoradas a ponto de não se compreender nada. Habitados pedagogicamente a recepção da linguagem cinematográfica os espectadores dispostos em silêncio naquele ambiente correspondiam a uma aceitação comum àquelas cenas que, no entanto, chegavam a Remedio tão estranhas a ponto que lhe causava reações no próprio corpo, o qual parecia viver uma realidade. A concentração de todos ao show que as películas dos filmes produziam fazia Remedio reagir diferentemente como se vivesse todo o mundo espetacular que as

imagens cênicas desejavam causar na platéia. Uma gente que já vivia as inaugurações teatrais entre as multidões das ruas centrais do Recife e as casas de espetáculos, entre outros aparatos técnicos que consentiam a maioria das pessoas uma nova visibilidade. Ali, o cinema ganhou a recepção desejada pela indústria do entretenimento.

As roupas, as danças, a linguagem, soam estranho a Remedio. Eram imagens e movimentos que carregados de certo erotismo eram ignorados instintivamente por aquela menina que vivia os pudores de uma região totalmente controlada pelos dogmas da igreja católica. Enquanto aquela “dança do cysne” era assistida pelos espectadores como uma arte espetacular, essa mesma cena chegava ao mesmo tempo “aos olhos da matutinha”, ali “ilhada” em sua cultura, como uma pouca vergonha da dançarina que em seus bailados, usando apenas duas estreitas peças de roupas, acabava exibindo um corpo seminu. Era uma mulher sem vergonha. Evidentemente que não tinha outra interpretação para ela.

O sentido de choque de que fala Benjamin adquire aqui certo sentido. Fazendo uma comparação entre duas telas em que numa há um quadro com uma imagem fixa e em outra, um filme com imagens em movimento, Benjamin defende que na primeira há um convite “à contemplação” e o espectador “pode abandonar-se às suas associações”, na segunda isso se torna impossível. “No filme o espectador percebe uma imagem, ela não é mais a mesma. Ela não pode ser fixada nem como um quadro nem como algo de real. A associação de idéias do espectador é interrompida imediatamente”. Aqui a atenção do espectador é voltada totalmente para o movimento sucessivo de imagens. Para esse pensador, “o cinema corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptivo, como as que experimenta o passante, numa escala individual, quando enfrenta o tráfico, e como as experimenta, numa escala histórica, todo aquele que combate a ordem social vigente” (BENJAMIN, 1996; 192).

Se a personagem de *A barragem* sofre essa espécie de choque a que nunca tinha experimentado, isso nos leva a crer que os únicos filmes vistos por ela tenham sido películas como *Paixão de Cristo* ou outra sem qualquer efeito especial. Em uma determinada época os filmes exibidos na cidade de Sousa passavam por uma criteriosa seleção da igreja católica.

O cinema surge no século XIX como um dos maiores ícones da modernidade e é visto com tamanho deslumbramento em diferentes lugares no mundo. Da metrópole as

pequenas urbes essa invenção convergiu para si toda uma multidão de espectadores que se faziam fascinados diante da maravilha das luzes e dos movimentos produzidos pela grande invenção. Esse espetáculo do cinematógrafo se dá na primeira sessão pública em 1895. A grande novidade criada pelos irmãos Lumière em poucos anos é tomada como o invento do século XIX que faz o mundo parar, enfeitiçado com a ilusão criadora de uma reprodução de imagens (TOULET, 1988; 16-17)

Toulet nos dá a primeira impressão que sentem os espectadores quando assistem as primeiras cenas reproduzidas pelo cinematógrafo:

Na sala escura (...) O programa de 20 minutos comporta uns dez filmes, e todos os espectadores têm as mesmas reações: céticos ou indiferentes ante o aparecimento inicial de uma projeção fotográfica estática, ficam pasmos quando esta se anima, admirados ao ver o vento nas árvores, a agitação das águas, apavorados quando o trem que entra na estação de La Ciotat parece se precipitar contra eles, entusiasmado, por fim (TOULET, 1988; 16-17)

Na cidade imaginária de Macondo, por exemplo, segundo o seu autor é de se admirar como a população desconhecadora de tal invento se encantava com o surgimento da *Sétima Arte* na cidade a ponto de indagar “porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramado lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte” (MARQUES, 2008; 216)

No filme *Cinema paradiso* o cineasta Giuseppe Tornatore “recupera” o que o cinema representava para a população de uma pequena cidade italiana nas décadas de 1940 e 1950. Trinta anos depois de ter saído daquele povoado Salvatori, ou mesmo Totó com é chamado o protagonista, volta por razão da morte do primeiro projecionista do velho cinema. Achando que tudo que viveu naquele pequeno mundo teria sido apagado ele volta e se depara com todo o seu passado. Suas primeiras relações e encantos com as cenas dos filmes em preto e branco foram ali e as primeiras a levá-lo ao sucesso de grande cineasta em Roma. Em suas infância e juventude quase todas as noites a cidade parava para assistir aos filmes. O padre da igreja cumpria o papel de moralista censurando as cenas que para ele eram consideradas instigadoras da imoralidade (CINEMA PARADISO, 1989).

O cinema teve seus primórdios. Os grandes espetáculos e exposições em Paris, Londres e outros lugares do mundo burguês funcionaram como precursores da indústria cinematográfica. O espetáculo chamava a atenção de uma multidão o que fazia gerar uma expectativa nas ruas das grandes cidades concentrando multidões. A sétima arte

fazia parte desse mundo mercadológico onde no espetáculo se oferecia “mercadoria e diversão. Esta nova amálgama pode ser percebida através da variedade de entretenimentos disponíveis. No grande salão de festas, o cinematógrafo dos Lumières (uma tela de 21 metros de largura e 15 de altura) entretinha um público de até 15 mil pessoas, a cada sessão” (ORTIZ, 1991; 161).

Enquanto a metrópole tivera todo um processo que criou certa relação psicológica no público convergindo no cinema os pequenos centros não sofreram tal processo considerado uma espécie de familiarização com os espetáculos das exposições e teatros. Mesmo assim, a grande cidade levava o povo ao delírio com a concentração de toda uma massa com o mundo fantasmagórico que a ficção teatral e cinematográfica produzia (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004).

Os espetáculos nas urbes interioranas como Sousa, se limitavam aos pequenos eventos tradicionais e aqueles que esporadicamente ocorriam na cidade e que chamavam a atenção de um considerável número de pessoas. Para o memorialista Zorrillo de Almeida que se lembra de alguns desses pequenos espetáculos, os quais lhe prenderam aos olhos, esses momentos tornaram parte de sua vida e tornaram-se inesquecíveis. Dentre, esses o lembra das procissões do Santíssimo Sacramento que reunia uma verdadeira multidão; das “manifestações folclóricas como as pastorinhas” e também “o bumba-meu-boi, feito pelo engraxate Chico-Pé-Torto”; das cheias do rio do Peixe “que a gente tinha a alegria de atravessar” de canoa; das viagens de trem, os circos que ali passavam com seus malabaristas, ilusionistas, palhaços e “espetáculos diferentes como o de uns cossacos russos que eram experimentados cavaleiros e subiam nos cavalos em movimento e neles desfilavam de pé como também desciam dos cavalos a toda velocidade”. Um momento que jamais “foi presenciado outra vez”; a feira com sua diversidade de produtos e “às vezes Raimundo Lali exibia-se com suas cobras. Era ele um experimentado capturador de cobras não obstante ter um dos braços cortados, o que tornava o seu trabalho e a sua exibição atraente” (ALMEIDA SOBRINHO, 1993; 14-17).

Alguns outros eventos são tomados por quase todos os nossos entrevistados com uma forte dosagem de encanto. As apresentações cívicas como os costumeiros desfiles do dia sete de setembro, os comícios que causavam sempre certos movimentos de atrito.

Enquanto o trem de ferro chegava à cidade Sousa, no sertão paraibano, no litoral, em idos de 1923 a cidade de Parahyba do Norte já vivia uma forte presença da chamada *Sétima Arte* em suas casas de espetáculos. Durante esse período existiam diversos cinemas que marcaram a vida cotidiana da capital parahybana. Cine-Theatro São João, Rio Branco Cinema-Theatro, Morse Cinema-Theatro, Popular Cinema-Theatro, Edson Cinema-Theatro, O Universal, entre outros, publicavam nas páginas dos periódicos locais as projeções cinematográficas que seriam exibidas nas suas telas naquele dia.

Há indícios de que na cidade de Sousa a penetração da *Sétima Arte* já ocorrera no início da década de 1920 através de um cinematógrafo itinerante. Essa informação nos revela a presença de uma máquina manual que era de propriedade do Senhor José China. Era o período do cinema mudo e encantava possivelmente, muitos dos seus espectadores. Também havia o cinema ambulante de Francisco Casemiro que reproduzia na cidade e distritos costumeiramente a “Paixão de Cristo”. Em 1925 foi instalado o ‘Cine Sousa’ de propriedade dos senhores Eládio Melo e Tosinho Gadelha. Entre os nossos entrevistados o senhor Eilzo Matos ajuda a recuperar essas informações da introdução do cinema em Sousa.

Primeiro vinham os cinemas volantes no Estado, na Paraíba todinha, no Brasil todinho. O camarada tinha uma camionete ou vinha num ônibus, trazia as fitas, fazia a propaganda dele, alugava uma sala e passava para a gente assistir. Assisti muito isso quando era pequeno. Gente de fora que vinha. Aí, depois os espetáculos tiveram... e outros espetáculos grandes eram no circo. Que tinha circo, não é? Quando circo apareceu. Depois tinha um camarada em Sousa que fez um prédio e botou um cinema. Cinema bom, de alto nível, não é? E durou até muito tempo depois (MATOS, 2011).

Antes mesmo dessas décadas um memorialista nos afirma tais influências. O senhor Zorrilho de Almeida não nasceu em Sousa, mas foi aí que vivenciou parte da vida sousense assumindo para ele seus momentos mais felizes ao lado de sua mãe. Lembra um episódio que aconteceu nessa cidade, proveniente do cinema:

Antes do cinema do Eládio, (...) houvera um outro no qual um dia ocorreu um acontecimento mais engraçado que o filme cômico que estava sendo exibido. Em certa altura do filme, o cidadão que era operador e ia sempre anunciando as cenas, quando anunciou: o doido vai comer sabão, neste momento despencou-se do estrado em que estava operando a máquina, juntamente com ela e tal acontecimento passou a ser mais engraçado do que a película. (ALMEIDA SOBRINHO, 1993; 30).

No Decreto nº 10 de dezembro de 1930 já se encontrava estipulada a obrigação de uma licença para o exercício desse comércio. Segundo o decreto o proprietário pagaria de acordo com a classe. Ao de primeira classe era cobrada uma taxa de sessenta mil réis e ao de classe segunda classe cobrava-se o valor de quarenta mil réis.

Um de nossos entrevistados recorre as suas memórias sobre a presença do cinema em Sousa. O professor Virgílio Pinto de Aragão foi um dos fundadores do *Jornal de Souza* e outros informativos; também era proprietário de uma tipografia onde Evilásio Marques começou a trabalhar aos seus treze anos. Por conta disso, estava sempre em contato com jornais e revistas das capitais, as quais traziam muitas informações sobre o cinema. Com isso, Evilásio estava sempre bem informado das novidades que chegavam ao sertão paraibano. Segundo ele,

O primeiro cinema aqui foi o de Adalgiso. Ele era coletor Estadual de Sousa. (...). Era o chefe da Coletoria. E ele foi quem primeiro trouxe a máquina e passava filmes... de 32 milímetros, uns filmezinhos pequenininhos. Foi quem primeiro trouxe para Sousa. Foi Adalgiso. E depois houve uma sociedade, foi criado uma sociedade em prol... Esse meu tio comprou muitas ações e até hoje entregue aí a um bocado de pessoas sabidas, não é? Estabeleceram-se. Depois que se estabeleceram venderam a outros. Daí por diante. Eu sei que um dos meus colegas de infância Valdemir, a gente chamava de Demir, foi quem comprou as instalações que tinha: as cadeiras, máquinas e tudo. Ele comprou da sociedade do meu tio que tinha vendido as ações. Perdeu! Ele comprou e se estabeleceu por vários anos. Depois o Cine Gadelha se estabeleceu. Na sei se ele [Zabilo Gadelha] comprou a Valdemir. (...). Aí se instalou o Cine Gadelha (PINTO, 2011)

Os primeiros filmes eram divulgados nas ruas através da banda de música, provavelmente a Banda de Música dos Bacuraus ou a Banda de Música dos Urucubacas, que seguia um cartaz de publicidade “com preço e hora”, conduzido por uma pessoa, apresentando o filme que seria exibido naquela noite e, naturalmente, convidando todos para assistirem-no. O som banda tocando nas ruas da urbe chamava a atenção de toda a população sousense, criando uma grande expectativa em torno do evento que seria visto por todos aqueles que pudessem pagar o bilhete de entrada¹. (GADELHA, 1986; 150).

Com o surgimento de outros recursos propagandísticos, como os cartazes, as difusoras, então os filmes sofriam maior divulgação. O senhor Eilzo Matos lembra essas publicidades que aconteciam pelas ruas da cidade de Sousa convidando a população a assistirem o filme do dia. “Tinha o carro que fazia a propaganda do filme e eu saía

¹ Ver: Segundo Julieta Pordeus desde a década 1910 já existia em Sousa duas Bandas de Músicas. Essas pertenciam às facções políticas diferentes.

correndo atrás. Corria a rua todinha, o carro na frente e eu atrás. Escutando a música do filme Com os meninos”. (MATOS, 2011)

Uma de nossas entrevistadas declara o período de 1950 e 1960 que a divulgação não era tão necessária. De acordo com a sua fala,

Só, por ser uma cidade bem pequena e pelo trânsito ali na frente do cinema ser grande, em relação ao número de pessoas da cidade, os cartazes estavam lá. Então era uma coisa mais boca a boca: olha o filme foi bom, você vai ver eu vou ver de novo. Vamos comigo. Mais nesse sentido. Tinha uma difusora, não é? Eventualmente a difusora poderia... especialmente na semana santa, Paixão de Cristo, a difusora divulgava, não é? o filme da Paixão de Cristo e tal. Mais em geral era... todo mundo estava vendo o que se passava, inclusive da vida aléia. (NÓBREGA, 2010).

Rapaz, cinema chegou num tempo que não tinha televisão, rádio eram poucas as casas que tinham. Não tinha nada. Só tinha o cinema mesmo para você saber das coisas. Sim, tinha um jornal no cinema também que quando dava reportagem do país, do mês anterior, onde esses jornais que eram filmados chegavam. Antes de começar os filmes tinha os trailers dos filmes que iam passar futuramente, não é? Os filmes futuros. E tinha um jornal nacional que dava notícia do país todo. Onde fosse notícia tinha lá a reportagem... eram as reportagens, os filmes (MATOS, 2011).

Além de ser usado para a manifestação de filmes de caráter religioso, também era usado para a exposição de documentários sobre o sentimento de patriotismo e heroísmo no Brasil como o mito de João Pessoa:

No começo desta semana foi focado duas vezes na tela do “Cine-Souzense” o sensacional e comovente filme Nacional “A vida pela liberdade”. É a vida dramatizada e movimentada do grande presidente João Pessôa, na qual se salientam as faíscações luminosas os gestos altivos e intrepidez inabalável de sua coragem moral (JORNAL DE SOUZA, 8AGO1931; 1).

Em edição de 2 de dezembro de 1931 o *Jornal de Souza* anunciava a presença do cinema na cidade convidando a população a assistirem ao filme. Dessa vez não foi diferente. O desejo de se estabelecer a ordem vem através da imposição de regras até mesmo nas manifestações de lazer e diversão.

Brevemente será focado na tela do Cine-sousence, magnífico filme ‘Cristo Redentor’. É uma fita que vem atraindo grande curiosidade por sua esplendida confecção artística e significativo interesse religioso. ‘Cristo Redentor’ há de causar formidável sucesso entre nós, tanto quanto vem sendo apreciado por toda a parte, onde sua apresentação tem causado geral entusiasmo (JORNAL DE SOUZA, 2DEZ1931; 1)

Até o final da década de 1930 não fora construída em Sousa uma edificação com toda uma estrutura física que atendesse às necessidades para a instalação de um cinema.

Desde os primeiros filmes apresentados em Sousa os espaços usados para as exposições de películas eram os clubes, o mercado público, o prédio onde se encontrava estabelecida a Sociedade Beneficente dr. Silva Mariz. É isso que nos informa o senhor Gilberto Nabor.

Tinha um cinema muito precário mais tinha. Funcionava na Sociedade Beneficente de Sousa dr. Silva Mariz. Antes tinha uma firma que botou um cinema. Eles fizeram uma sociedade e botaram um cinema, onde hoje tem a casa de saúde do Bom Jesus. Funcionou ali um bom cinema. Aí, depois derrubaram, essa empresa faliu e desapareceu (VIEIRA, 2011).

Na década de 1940, já com algumas novidades na área da cinematografia surge o ‘Cine Teatro Glória’. Fora um prédio construído propriamente para as exibições das películas cinematográficas. Sucesso que já causava em muitas cidades da Paraíba e que não podia deixar de acontecer em Sousa. Com isso o aumento do público que freqüentava esse espaço aumentou consideravelmente.

era o cine Glória. O primeiro que botou cinema foi Nousinho Gonçalves. (...) tinha muitos filmes bons, não é? Ainda alcancei filmes em preto e branco... aí depois apareceram os filmes coloridos. Aí eu já era maior. Tinha as matinês nos domingos para as crianças... (...) tinha muitos filmes históricos e eu gostava. Porque a noite ninguém ia não, criança não freqüentava não. Para as crianças eram mais filmes assim: Branca de Neve. (...) depois de adulta eu ia muito também. Passava muitos filmes bons. É porque eu não estou lembrada agora. Mais eu assisti muitos filmes bons (PORDEUS, 2010)

Enquanto em 1958 aparece o chamado ‘Cine Moderno’ empreendido por Zabilo Gadelha no mesmo edifício onde funcionara o ‘Cine Teatro Glória’ (GADELHA, 1986; 149-151). De acordo com os nossos entrevistados esse espaço apresentava melhor conforto e comodidade. Para o senhor Eilzo Matos, essa edificação tinha uma forte significação simbólica para a cidade de Sousa. Foi o período em que o cinema teve maior repercussão ali. “Já era um cinema bom, não é?”.

É de se pensar que assim como o cinema percorria o mundo inteiro e chegando aos lugares mais distantes e às diferentes culturas, acabou também por introduzir a maneira de ser e estar no mundo. Os filmes, é óbvio, estavam carregados de um desejo, o de seduzir e prender as mais diferentes pessoas através das técnicas de produção e da arte de criar um verdadeiro espetáculo.

Referindo-se a modernização do ambiente o produtor F. L. Herron, enfatiza a importância e o poder que tem a indústria cinematográfica no mundo, recorrendo às

diferentes experiências que se tinham as pessoas de lugares diversos. Em parte da Europa,

a saia curta, o cinema, a calefação nas residências particulares, a meia de sêda – já são coisas comuns nessa parte do mundo. Observando tudo isto, uma pessoa não póde deixar de perguntar a si própria se não é o cinema , mais do que qualquer outra influencia, responsável pela nivelação dos hábitos do povo nos quatro cantos do mundo (A UNIÃO, 13JUL1928).

Não parece ser muito estranho às terras interioranas a introdução de tais hábitos com a presença do cinema. Essa influência foi muito mais intensa nas metrópoles. Nestas, as multidões compartilhavam as mesmas sensibilidades e recepcionavam mais facilmente a cultura americanizada.

A interferência da igreja nas exibições cinematográficas era extremamente forte principalmente durante as décadas de 1950 e 1960 em que essa arte realizava-se com maior intensidade em Sousa. A imprensa, jornal de cunho católico e que tinha seus leitores no interior, divulgava uma forte censura aos filmes da época em suas colunas indicando os filmes de bom gosto que estavam em cartaz com um resumo completo, e os preceitos de um bom filme. O objetivo era preservar a integridade moral da família paraibana onde o cinema atingia com as suas cenas sedutoras e que muitas vezes reproduzia certa imoralidade.

Em Sousa, também havia esse controle por conta da diocese de Cajazeiras. Segundo Deusdedit Leitão, que por sua “modesta ação de promotor cultural”, ou seja por sua forte presença política na comunidade sousense como um dos principais fundadores naquele momento de uma revista literária, foi então convidado por D. Zacarias Rolim de Moura naquele momento vigário de Patos,

Como coordenador do projeto ‘vigilante cura’, convidou-me para dirigir, em Sousa, aquele projeto de inspiração religiosa que objetivava uma melhor formação cristã através da poderosa influência do cinema junto à juventude. Por algum tempo tive o encargo de receber os filmes selecionados pelo projeto e providenciar a sua exibição num cinema improvisado na Sociedade Operária Beneficente. Fiquei com aquele encargo empresarial na tentativa de manter o projeto em Sousa, realizando uma tarefa que não se tornou difícil porque a cidade estava, periodicamente privada de seu cinema (LEITÃO, 2000; 272).

O interesse da igreja era não deixar que os novos hábitos, considerados imorais e indecentes, contaminassem a população sousense. Para a sociedade eclesiástica e grupos religiosos oferecia o grande perigo a moral cristã, pervertendo as pessoas. Era preciso

que a igreja interviesse com a prática da censura no sentido de cessar essa prática que se alastrava por todas as cidades do Brasil (A IMPRENSA, 7FEV1933; 1)

Esse controle da censura feito pela igreja católica revela o quanto as instituições religiosas resistiram ao moderno invento. Eram às práticas denominadas lasciva que preocupavam certos grupos da sociedade por apresentar sua forte influência quanto a moda e as relações amorosas.

Essa intervenção feita pela igreja não era muito bem vista pelos que desejavam assistira as cenas cortadas e ou os filmes proibidos que pudessem desvirtuar os homens e mulheres. O personagem do filme *Cinema paradiso*, o padre Adelfio, ocupa parte de seu cotidiano censurando os filmes que seriam projetados durante a semana numa pequena cidade italiana. Totó, o protagonista do filme, fica encantado com o cinema e torna-se amigo de Alfredo, projecionista e assiste aos filmes sem que o padre o visse (CINEMA PARADISO, 1989).

Essa representação negativa do cinema feita pela igreja perpassa e ecoa nos discursos de alguns de nossos entrevistados que se de alguns preceitos para definir a cidade com o cinema. Assim, em parte essa cidade com a presença do cinema era uma cidade pervertida que vivia sob um mundo da desordem e representava também uma certa ameaça a ordem moral e cívica das famílias.

*“Não! Essa proibição era tácita. Não adiantava você ir porque o porteiro já não deixava você entrar. Uma criança no filme Sinhá Moça já não entraria. Então já adolescente, é... deu para ver Sinhá Moça, O Pagador de promessas, o cinema nacional. Depois chegou o cinemascope com Bem-Hur², um espetáculo, não é? E eram filmes dessa natureza dos clássicos, hoje clássicos, especialmente **Far-west**, Casa Blanca (NÓBREGA, 2010).*

Mesmo com menor intensidade que nas grandes cidades, o cinema também teve seus dias de glória na pequena Sousa. É possível que tenha trazido alguns costumes e hábitos americanos a ser copiados por seus habitantes que muito desejavam os novos códigos usados pela sociedade americana? Não seria imaginar demais se presumirmos que parcela dessa população teria adaptado hábitos e costumes que marcavam os filmes de época exibidos nas telas dos cinemas locais?

Se levarmos em consideração que o cinema, transformado em grande espetáculo para o público, investia de grande poder de sedução podemos afirmar que isso aconteceu ali. Segundo Bernadete Mariz, uma de nossas entrevistadas que viveram o

² O filme Bem-Hur foi vencedor de 11 Oscar, incluindo o melhor filme de 1959.

auge do cinema nas décadas de 1950 e 1960 em Sousa, as pessoas que assistiam aos filmes não conseguiam se separar da influência e sempre apareciam nas festas com modelos muito usados por atrizes do cinema americano.

Em criança eu assistia nos finais de semana. Inclusive nós levávamos, muitos meninos e meninas levavam revistas em quadrinhos para trocar, não é? Eram revistas de Zorro, já Pato Donald naquela época, Luluzinha, é Flash Gordon. Levávamos muitas revistas para trocar lá com a turma. Depois entrávamos no cinema. Os filmes em geral Far-west. Mais uma nós colonizados, tal e tal... É, mais eu penso, pelo menos no meu caso, e acredito que no de muitas crianças, nós íamos mais mesmo era pelo s seriados, não é? Seriado de Zorro, Nioca que era uma princesa lá da selva, loiríssima de olhos azuis, mais estava lá na África fazendo das delas, é, justiceira e tal. Zorro, Flash Górdon; até nós chamávamos naquele tempo “o perigo da série”. Porque a série era interrompida antes do filme propriamente começar exatamente quando o mocinho estava no maior perigo, não é? Você não sabia como ele se salvaria daquilo ali. Ou então a cavalaria estava chegando e era chamado o perigo da série. Então nós ficávamos todos ansiosos para chegasse o próximo sábado, o próximo domingo para saber como o mocinho seria salvo. E os filmes eram, já mais pra frente, que era muito rigorosa a proibição por faixa etária. Muito rigorosa. Mesmo um filme como Sinhá Moça eram dezoito anos, porque tinha beijos, tinha isso, tinha aquilo, não é? Aliás, só tinha isso mesmo: beijo (NÓBREGA, 2010)

A interferência do cinema norte americano na indústria cinematográfica era bastante intenso. Os filmes, por exemplo, de far-west era muito assistidos pelos telespectadores nas cidades brasileira e grande parte do mundo. De acordo com o memorialista Zorrilho Gadelha as brincadeiras de infância envolviam a interpretação das cenas de banguê-banguê muito comum nos filmes de Hollywood exibidos ali costumeiramente e muito esperado pelos jovens. O ambiente citadino servia como espaço de briga fictícia numa imaginária guerra de bandoleiros representados por dois grupos de crianças entre os da rua do Norte e a rua do Sul, “cujos meninos se engalfinhavam em tremendas batalhas em que havia mocinhos, bandidos, heróis, índios, morros, diligências e cavalos brancos como nos filmes de Buck Jones e Tom Mix. Nesse tempo havia uma cinema em Sousa. Lembro-me, vagamente, inclusive de haver visto sem que me lembro de nada das cenas nem da história, nada mais nada menos do que um filme de Greta Garbo, Ana Karenina” (ALMEIDA SOBRINHO, 1993; 30).

Bernadeth Mariz nasceu em Sousa e viveu as décadas de 1950 e 1960 nessa cidade. Vivenciou muito o cinema, mas, segundo ela, conseguia assistir a um filme sem sofrer tantas influências, as quais acabavam sendo absorvidas pela maior parte das pessoas que freqüentavam o cinema.

As moças naquele tempo, chamava-se as moças, do nosso grupo não sofríamos essa influência. Porque... além de uma posição crítica em relação a cultura sendo imposta, nós tínhamos também orientadores políticos, não é? Pessoas mais velhas que chamávamos de gurus políticos que tirava as nossas dúvidas, que esclarecia e tal e tal. Então nós politizadas, digamos assim, sofríamos menos influência. Mas as alienadas, como chamávamos e chamamos ainda, essas não. Essas usavam vestidos Bridgit Bardou, a blusa de Sofia Lóren. Por aí... não é? Se guiavam muito... não havia televisão. Hoje fazem muito isso pela televisão, não é? O brinco não sei de quem, Et Cetera. O marketing da televisão funciona bem. Tinha mocinhas que usava botas em Sousa, não é? Um calor de torar e a mulher com botas no meio das canelas porque passou num filme tal, Greice Kely e tal, o cabelo de Greice kely... ia por aí, não é? Agora, a minha turma não, que eram todos muito críticos. Poderíamos fazer o contrário, não é? Guiar como protesto. E também as músicas. Naquela época foi quando estourou o Rei Conifer (NÓBREGA, 2010).

A visão crítica adotada pela nossa entrevistada denuncia até certo ponto o quando as influências eram sentidas por certo grupo social. Maria Bernadete estudava nas melhores escolas da cidade a adquirira um censo crítico não simplesmente por estudar em boas escolas, mas acima de tudo por existir em casa uma biblioteca que seu pai adquirira e que por ser farmacêutico lhe influenciara a leitura desde a sua infância.

Ao reportarmos aos primórdios à recepção do cinema seja na Europa ou nas capitais brasileiras poderíamos imaginar no que, associado à audibilidade a importância que as difusoras e o rádio passaram a influenciar alguns grupos sociais. Embora o filme tenha estado presente desde os fins dos anos 1920 enquanto as difusoras e o rádio somente venham surgir aí em fins da década de 1930, não podemos negar que houve essa recepção de outros meios de audibilidades que exerceram certa influência na pedagogia do ouvir. Os musicais das difusoras e os programas de rádios complementaram, para aqueles que tinham acesso ao cinema, o cotidiano dessa espécie de lazer. A representação que soava a música tocadas nas difusoras e os seus programas apresentados. A influência na maneira de se comportar como a própria sexualidade. É óbvio que o filme com imagem e som, menos os filmes mudos, trazia os novos parâmetros no vestir, no se comportar e os atos amorosos.

Deusdedit Leitão retrata esses momentos de sua juventude quando de sua passagem por algumas cidades. De acordo com esse memorialista, o que lhe marcou fortemente e que lhe faz lembrar o cinema foram os passeios das moças enquanto aguardava o início da projeção. Eram esses instantes que mais aconteciam trocas de olhares, os flertes propriamente ditos. Um desses dias, no ano de 1947, numa demorada estadia de trabalho por Patos aconteceu de viver as alegrias desses encontros com uma

jovem a quem lhe chamou muito a sua atenção. Foi assim que conseguiu se aproximar daquela que viria ser a sua esposa.

Eu estava na fase transitória do flirt quando, poucos dias depois de vê-la, pela primeira vez, voltei a encontrá-la nas proximidades do Cine Eldorado que estava sendo exibida a versão cinematográfica o famoso romance ...e o vento levou, de Margareth Mitchel, estrelado por Clark Gable e a trêfega Vivien Leigh assistíamos a um filme de longa metragem que obrigava o dono do cinema a um intervalo de um ou dois minutos de sua projeção e, quando isso aconteceu, com o reacender das luzes, procurei, avidamente, aproveitar a fugacidade daqueles minutos (LEITÃO, 2000; 217)

Em Sousa não foi diferente. Ali o cinema também proporcionou esses momentos aprazíveis aos jovens que procuravam esse espaço para viver as emoções dos encontros juvenis. Durante esse período Evilásio Marques costumava ir, mas, segundo ele, não era exatamente para assistir a película. Quando perguntamos se lembrava algum filme, comenta:

rapaz... filmes amorosos, não é? De lutas, de Calboy, esses filmes americanos, não é? Eram mais... Assim, nomes dos filmes eu... O tempo levou (risos)... Então eu me perco aí nesse... Eu ia mais era para namorar, homem! Não era nem para assistir cinema! Eu ia era para namorar, só para beijar, essa coisa, amar e nome de filme? Quase eu não me lembro. É Impossível. Eu muito jovem, não é? A mulher também muito jovem. Eu acho que ela também não vai se lembrar não quais foram os filmes que a gente assistiu (risos)

Segundo o seu Evilásio Marques o cinema era “muito movimentado. Era cheio”. Eram os jovens quem mais freqüentava o cinema. E quando perguntamos: Tinha cinema todo dia, não? “Não! Não era todo dia não. As fitas eram duas ou três por semana. Não era todo dia não. As vezes um só no fim de semana, não é?”.

E quem tinha acesso a esses filmes? Se todos não assistiam, mas quem tinha acesso? Mesmo porque para um de nossos entrevistados o cinema em Sousa “cinema não tinha uma conotação de cultura, tinha uma conotação de diversão, e mais nada”. Essa afirmativa do senhor Eilzo Matos completa com a que segue.

Olha! Quem tinha cinema aqui era Zabilo, que era o homem mais rico da cidade. (...) Nicó era o porteiro do cinema, não é? Aí, um dia ele estava lá, ia haver a sessão do cinema. Aquele aglomerante de pessoas na frente do cinema. Aí ele saindo do cinema, não é? Zabilo lá para dentro e ia saindo na porta, um cabra disse: seu Zabilo vai ter filme hoje? Ele disse: vai. Bote-me para dentro para eu assistir esse negócio. Esse negócio de sertanejo de pedir as coisas. Ele disse: rapaz, eu não posso lhe botar pra dentro não. Eu saí agora porque Nicó me botou pra fora (MATOS, 2011).

Pensa certo memorialista o quanto o cinema impregnado em sua vida ele consegue associá-la a um belo filme quando descreve:

Sousa, sob alguns aspectos, parecia-se com a Oblivion imaginada por Lobato, ou a Tarascon descrita por Daudet. Enfim, foi um belo filme, tão lindo quanto os da Greta Garbo mas um dia a fita terminou ficando tão somente uma imorredoura saudade – e não é mais possível restaurá-la e passá-la novamente. Infelizmente, à medida que o tempo passa os episódios do filme vão ficando cada vez mais esmaecidos e os pedaços vão faltando na memória (ALMEIDA SOBRINHO, 1993; 20).

O saudosismo ou a paixão imorredoura pelo passado não estão ausentes nos trabalhos de memorização, mesmo quando seja escrito ele perpassa por caminhos que já conhece, que já viveu, mas termina apenas nessa saudade. É um trabalho de voltar ao passado existente em fragmentos no sentido de tentar viver as novas temporalidades, o presente que diverge com a instituição de novos códigos que soam estranhos àqueles de gerações anteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

A IMPRENSA. João Pessoa, 07 de fevereiro de 1933. Nº 350, p. 1

A UNIÃO. Parahyba, 13 de julho de 1928. Nº 153. p. 1

ALMEIDA SOBRINHO, Zorrilho de. **Sousa (uma realidade e um sonho).** S/L: Impresso Gráfica Alvorada, 1993.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. Obras escolhidas, V. 1.

CINEMA PARADISO. Direção de Giuseppe Tornatore. DVD. Itália. Editora Jornal do Vídeo Ltda. 1989. Color, 121 min.

FERRAZ, Augusto. **Além do rio.** Sousa: AGT, 2004

GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte.** João Pessoa: A UNIÃO, 1986.

JORNAL DE SOUZA. Souza, 2 de dezembro de 1931. Ano II, nº 64. p. 1

JORNAL DE SOUZA. Souza, 8 de agosto de 1931. Ano II, nº 51. p. 1

LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do tempo:** memórias. João Pessoa: Empório dos livros, 2000.

MARIZ, Ignez. **A barragem.** 2 ed. João Pessoa: A UNIÃO editora, 1994

MÁRQUES, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão.** 67 ed. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MATOS, Eilzo Nogueira. **Entrevista concedida ao autor**. Sousa, 17 de janeiro de 2011.

NÓBREGA, Maria Bernadete Mariz Melo. **Entrevista concedida ao autor**. João Pessoa, 03 de novembro de 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: editora brasiliense, 1991.

PINTO, Evilásio Marques. **Entrevista concedida ao autor**. Sousa 14 de janeiro de 2011.

PORDEUS, Marta Mariz Melo. **Entrevista concedida ao autor**. João Pessoa, 01 de novembro de 2010.

Prefeitura Municipal de Souza. Decreto nº 10 de 15 de dezembro de 1930. In: **A UNIÃO**. Parahyba, 4 de fevereiro de 1931.

SCHWARTZ, Vanessa R. o espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução de Regina Thompson. 2 ed. Ver. São Paulo: Cosac Naify, 2004. pp. 337-360.

TOULET, Emmanuelle. **O cinema, invenção do século**. Tradução de Eduardo Brandão. Objetiva, 1988.

VIEIRA, Gilberto Nabor. **Entrevista concedida ao autor**. Sousa, 3 de janeiro de 2011.